

# O CORVO

Edgar Allan Poe

Traduzido por José Barbosa da Silva

À meia-noite sombria, quando enfastiado eu lia  
Estranhos e antigos tomos de saberes ancestrais;  
E já ia adormecendo quando ouvi alguém batendo,  
Subitamente batendo, bem de leve em meus portais.  
“Uma visita”, pensei, “é quem bate em meus portais.  
É só isto, e nada mais”.

Ah! claramente me lembro: era o gélido dezembro;  
A lareira projetava no chão sombras fantasmais.  
Pelo sol eu ansiava, já que nos livros buscava  
Esquecer em vão a amada que anjos celestiais  
Chamam por nome Lenora nas hostes celestiais.  
Mas nome aqui não tem mais.

O arfar da seda frouxa de cada cortina roxa  
Me causava calafrios que eu não sentira jamais.  
Com o coração palpitando, disse racionalizando:  
“É alguém solicitando a entrada em meus portais;  
Uma visita tardia pede entrada em meus portais.  
É só isto, e nada mais”.

Enfim com alma confiante, não mais fraca e hesitante,  
Disse: “Senhor ou senhora, peço perdão se esperais,  
Mas eu ia adormecendo, quando chegastes batendo,  
Tão levemente batendo, batendo nos meus portais,  
Que duvidei ter ouvido”. Mas, ao abrir meus portais,  
Só vi trevas, nada mais.

A densa treva fitando, bem surpreso fui ficando,  
Com medo sonhando sonhos não ousados por mortais.  
Mas tão profunda era a calma e o silêncio da sala,  
Que somente uma palavra pude extrair dos meus ais.  
Então sussurrei: “Lenora?”. E o eco seguiu atrás.  
Isto só, e nada mais.

Para o quarto fui voltando, a alma em febre queimando,  
Quando o ruído outra vez escutei mais pertinaz.  
E conclui, por tabela: “O ruído é na janela.  
Vamos ver o que tem nela, que o mistério se desfaz.  
Acalma-te, coração, que o mistério se desfaz.  
É o vento, e nada mais”.

Mas, aberto o basculante, penetrou esvoaçante  
Um nobre e altivo Corvo, de períodos ancestrais.  
Sem fazer qualquer mesura, sem perder a compostura,  
A estranha criatura pousou sobre os meus portais,  
Num alvo busto de Atena que tenho sobre os portais.  
Só pousou, e nada mais.

Percebi que a ave negra fez sorrir minha tristeza  
Com a grave solenidade de seus ares tão formais.  
“Tens a cabeça tosada”, exclamei, “mas és ousada,  
Velha ave desterrada das regiões abissais.  
Qual teu nome de nobreza lá nas trevas infernais?  
Disse o Corvo: “Nunca mais”.

Fiquei bem admirado por o Corvo ter falado,  
Pesar de suas palavras me parecerem banais.  
Mas convém reconhecer que nunca existiu um ser  
A quem sucedesse ver penetrar em seus portais,  
Ave ou bicho que pousasse sobre um busto em seus portais,  
Com tal nome “Nunca mais”.

Mas o Corvo solitário, de curto vocabulário,  
Como se a alma vertesse nesses fonemas fatais,  
Não disse mais coisa alguma, não mexeu nem uma pluma,  
Até que eu lhe disse em suma: “Eu tive amigos leais...  
Mas todos se vão embora. Amanhã também tu vais”.  
Disse o Corvo: “Nunca mais”.

Com a alma admirada por resposta tão azada,  
Pensei: “Ele só imita expressões habituais  
Do repertório olvidado de um dono desventurado  
Pelo destino marcado, que, cheio de tantos ais,  
Reduziu os seus lamentos em termos oracionais  
Ao mantra do “nunca mais”.

Mas vendo que a negra ave continuava a agradar-me,  
Sentei-me diante dela, defronte ao busto e aos portais;  
E, posto assim na cadeira, quis saber a verdadeira  
Intenção da ave agoureira, de períodos ancestrais,  
Que em seu crocitar macabro sempre em tons monotonais  
Só grasnava: “Nunca mais”.

Isso tudo cogitando (porém nada declarando  
À ave que em mim cravava os olhos como punhais),  
Deitei a frente cansada no recosto da almofada  
Da poltrona aveludada sob a luz dos castiçais,  
A poltrona em que Lenora, sob a luz dos castiçais,  
Não vai sentar nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, perfumado pelo incenso  
Espalhado no turíbulo por seráficos corais.  
Exclamei: “Teu Deus clemente, por angelicais agentes,  
Te enviou o nepentes para alívio dos teus ais.  
Sorve a taça de nepentes e Lenora esquecerás”.  
Disse o Corvo: “Nunca mais”.

“Profeta!” gritei zangado. “Ser do mal, demônio alado!  
Quem te trouxe à minha porta: a tormenta ou Satanás?  
Quem te enviou em jornada a esta terra arrasada,  
A esta casa assombrada? A esta alma sem paz?  
Dize: Há em Gileade bálsamo para estes ais?”  
Disse o Corvo: “Nunca mais”.

Profeta!” gritei zangado. “Ser do mal, demônio alado!  
Pelo Deus que veneramos, pelos arcos celestiais,  
Dize à minh’alma abatida se no Éden de outra vida,  
Foi Lenora recebida entre as hostes celestiais,  
Como uma virgem radiante nas hostes celestiais?”  
Disse o Corvo: “Nunca mais”.

“Que o ‘nunca mais’ que tu dizes seja o que te exorcize  
Que te arremesse de volta para as trevas infernais!  
Que lembrança alguma reste das mentiras que disseste!  
Deixa-me só neste agreste! Abandona os meus portais!  
Tira a garra do meu peito e a sombra dos meus portais!”  
Disse o Corvo: “Nunca mais”.

Desde então mantém-se o Corvo, imóvel como um estorvo,  
No alvo busto de Atena que tenho sobre os portais.  
O seu olhar me encarando lembra um demônio sonhando;  
E a sua sombra avançando, desde a luz dos castiçais,  
Acorrenta ao chão minh’alma, a qual, do chão onde jaz,  
Não se erguerá nunca mais!

# THE RAVEN

Edgar Allan Poe

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.  
“Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—  
Only this and nothing more.”

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;  
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.  
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow  
From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost Lenore—  
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore—  
Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain  
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before;  
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating  
“Tis some visitor entreating entrance at my chamber door—  
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;—  
This it is and nothing more.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,  
“Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;  
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,  
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,  
That I scarce was sure I heard you”—here I opened wide the door;—  
Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,  
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;  
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,  
And the only word there spoken was the whispered word, "Lenore?"  
This I whispered, and an echo murmured back the word, "Lenore!"—  
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,  
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.  
"Surely," said I, "surely that is something at my window lattice;  
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore—  
Let my heart be still a moment and this mystery explore;—  
'Tis the wind and nothing more!"

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,  
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;  
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;  
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door—  
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door—  
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,  
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,  
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,  
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore—  
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"  
Quoth the Raven "Nevermore."

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,  
Though its answer little meaning—little relevancy bore;  
For we cannot help agreeing that no living human being  
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door—  
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,  
With such name as "Nevermore."

But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only  
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.  
Nothing farther then he uttered—not a feather then he fluttered—  
Till I scarcely more than muttered “Other friends have flown before—  
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before.”  
Then the bird said “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,  
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store  
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster  
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore—  
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore  
Of ‘Never—nevermore’.”

But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,  
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door;  
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking  
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore—  
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore  
Meant in croaking “Nevermore.”

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing  
To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom’s core;  
This and more I sat divining, with my head at ease reclining  
On the cushion’s velvet lining that the lamp-light gloated o’er,  
But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o’er,  
She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer  
Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.  
“Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee—by these angels he hath sent thee  
Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore;  
Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—  
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,  
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted—  
On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—  
Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!  
By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—  
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,  
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—  
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting—  
“Get thee back into the tempest and the Night’s Plutonian shore!  
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!  
Leave my loneliness unbroken!—quit the bust above my door!  
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!”  
Quoth the Raven “Nevermore.”

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting  
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;  
And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming,  
And the lamp-light o’er him streaming throws his shadow on the floor;  
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor  
Shall be lifted—nevermore!

### **Edgar Allan Poe**

(1809-1849) foi um autor, poeta, editor e crítico literário estadunidense, integrante do movimento romântico americano. Conhecido por suas histórias que envolvem o mistério e o macabro, Poe foi um dos primeiros escritores norte-americanos de contos, sendo geralmente considerado o inventor do gênero ficção policial.

### **José Barbosa da Silva**

Nasceu em Fortaleza, CE, em junho de 1965. É tradutor literário e técnico, com várias traduções publicadas. Tem mestrado em Educação e Letras. Trabalha atualmente como professor efetivo da área de disciplinas pedagógicas no IFPI, Campus Cocal. E-mail para contatos: josebarbosa@yahoo.com